

Jornada em busca da vocação

Escola de Brazlândia convoca orientadores para ajudar os alunos a definir qual caminho seguir na hora de escolher a profissão

Uma escola pública – o Centro Educacional nº 1 de Brazlândia – está preparamo seus alunos para o que vão enfrentar fora de seus muros. Na última semana, os professores organizaram uma jornada para orientar seus mil alunos do ensino médio na escolha da profissão. Orientadores vocacionais, professores da Universidade de Brasília, da Escola Técnica e do sistema Sesi/Senai foram convidados para preparar esses jovens para uma das mais difíceis decisões de suas vidas.

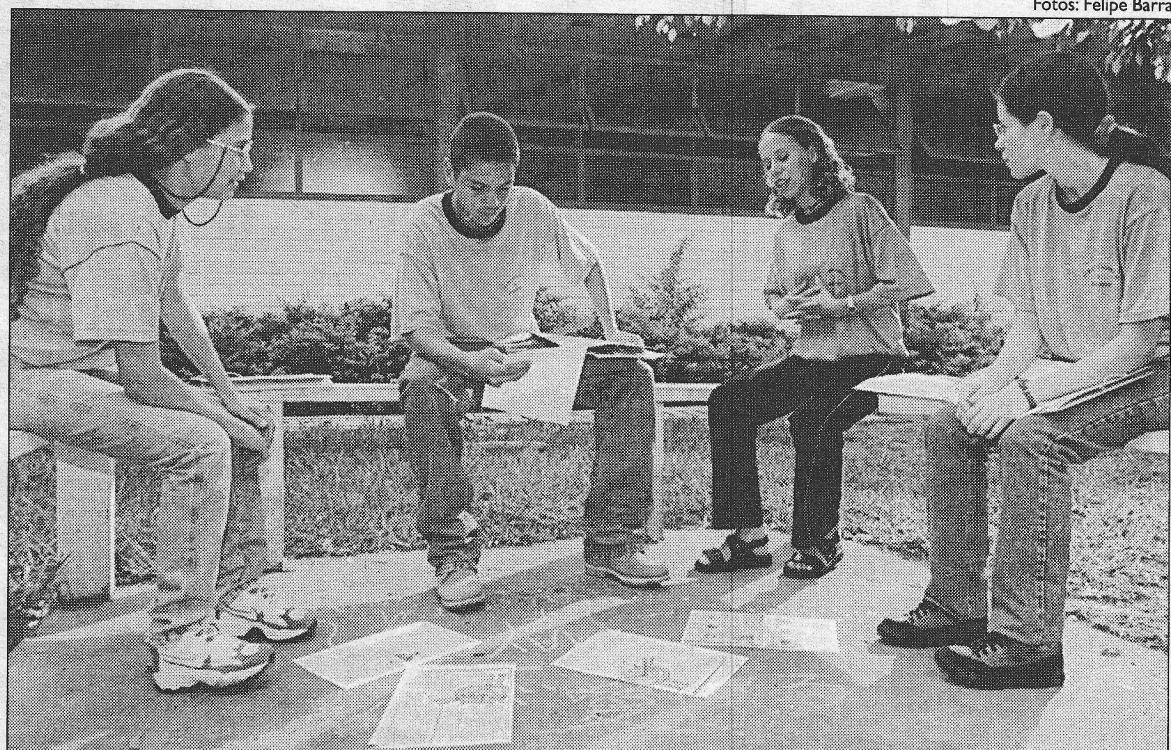
O trabalho é um exemplo a ser seguido por outros estabelecimentos de ensino. Infelizmente, poucas escolas oferecem aos alunos uma percepção do que consiste a prática das profissões que seus alunos terão de escolher. A maioria dos jovens, na faixa etária de 17 e 18 anos, faz a opção ao marcar aquela “cruzinha” no formulário do vestibular.

Optar por uma profissão sempre foi um processo doloroso.

Mas, atualmente, o drama da escolha está ficando mais difícil por causa do ritmo acelerado da evolução tecnológica. “Um programa de educação vocacional não pode abrir mão da compreensão sobre a realidade do trabalho. O jovem tem que entender que a globalização está interfirindo no emprego, na qualificação e no desemprego”, explica Hélvia Leite Cruz, pedagoga e orientadora vocacional da UnB, uma das convidadas para falar sobre o perfil dos cursos e perspectivas de mercado de trabalho.

Na sua palestra, a pedagoga esclareceu que os jovens se encontram diante de um quadro que nada tem a ver com aquele que seus pais enfrentaram. Os cursos universitários já não garantem profissões para a vida inteira. “Antigamente a escolha da profissão era para a vida toda”, resume. Todas as profissões exigem atualização do profissional, o domínio da informática e de pelo menos uma língua estrangeira”, advertiu.

No processo de escolha, a pedagoga frisou que o autocognhecimento é fundamental para o adolescente identificar suas aptidões, traços de personalidade, seus gostos e habilidades. “A escolha da profissão coincide com o momento que vocês estão mais confusos consigo mesmos”, enfatizou. Segundo ela, o ideal é



A maioria dos estudantes faz a escolha ao marcar a “cruzinha” no formulário do vestibular

não escolher, por exemplo, um curso que não tenha nada a ver com Matemática só porque não gosta da disciplina bicho-papão. “É preciso saber por que você não gosta da Matemática. Será que você não tem base na matéria porque não teve, ao longo de sua vida escolar, professores que não trabalharam bem a disciplina?”, indaga.

Ela também avisou que não basta o aluno escolher, por exemplo, Informática só porque

é uma pessoa introvertida. “É preciso buscar a causa da timidez e superá-la”, advertiu. Outro ponto importante no processo da escolha, de acordo com a pedagoga, é buscar informações sobre as profissões: o perfil das carreiras e onde atuar. “Quanto mais informações sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho, mais espaço e liberdade o jovem tem para fazer sua escolha profissional”, resumiu.

“Geralmente, o jovem quer

uma resposta que vem de fora”, assinala. Muitos indecisos sonham fazer o teste vocacional para obter uma resposta de quicromante sobre o futuro. “O teste é importante porque é um dado de comprovação, mas não pode ser um único dado definidor. Muito mais importante é o autoconhecimento e uma viagem ao mundo do trabalho”, concluiu.

ANA SÁ

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Felipe Barra